



## Coração partido

Alexandre Santos

Conta peripécias amorosas numa repartição.

- Vem cá, meu negão roludo - com um sorriso sapeca escancarado, rasgando a face delicada de canto a canto, Claudete surpreendeu os colegas com a inesperada saudação a JoãoMário, assim que chegou ao serviço.

Sem dar tempo para qualquer reação, parecendo arder prazeres só de lembrar alguma coisa, Claudete forçou as coxas uma contra a outra, puxou os cabelos, balançou a cabeça, virou os olhos e, sem mirar ninguém especificamente, disse como se falasse consigo mesma

- Que negão gostoso, meu Deus!

Sem qualquer recato, Claudete, a única mulher da repartição, falara alto e bom som para que, além de JoãoMário, os colegas GilMário e DorivalSnow também a ouvissem. O silêncio sepulcral que calou a sala por alguns segundos atestou que todos tinham ouvido a declaração. Era como se ela quisesse admitir conhecer os atributos de JoãoMário, tornar público algum relacionamento entre eles ou, quem sabe, mandar aviso para alguém.

Nunca se soube a real razão de Claudete, mas, de imediato, pouco importando a motivação daquele anúncio tão inesperado, um frisson tomou conta da sala. Olhares se cruzaram. Respirações ficaram em suspenso.

Meio ressabiado, JoãoMário esquivou-se.

- Não tenho nada a ver com isso - disse ele com um sorriso meio sem graça.

Tudo começara há pouco mais de trinta dias, quando, à guisa de café da manhã, com a alegria efusiva de sempre, Claudete ofereceu aos colegas um cuscuz temperado com condimentos fortes, daqueles que perfumam os lugares com os cheiros da vida - a mistura da cebola, cominho, coentro, alho, cravo e erva-doce incensou a sala, fazendo-a parecer a cozinha da Casa D'Otília, incendiando instintos carnis impúblicáveis. Daquele dia em diante, sem saber, Claudete passou a preencher a noite dos colegas, que, em sonhos eróticos sem limites ou freios, passaram a tê-la de todas as formas e modos possíveis.

Quebrada a pureza vestal da fraternidade de trabalho, nada mais foi como dantes.

Embora não tenha sido proposital, aquele cuscuz mudou muita coisa na dinâmica da repartição. Com efeito, a espontaneidade alegre de Claudete, então materializada nas generosas porções aromáticas que servia aos colegas, despertou ideias e sentimentos até então sufocados pela rotina do trabalho. Daí até acontecerem coisas inéditas no serviço foi um passo e, mesmo contidos pela timidez funcional que policiava a sala, cada um ao seu modo e a sua vez, tratou de pensar e dizer coisas que brotavam do mais fundo das entranhas ansiosas.

Babando vontades, o estatístico GilMário foi o primeiro. Mais ousado do que os colegas, sem esconder a 'má intenção', ele anunciou que, na semana seguinte, em reciprocidade ao quitute preparado por Claudete, traria uma macaxeira.

- Minha macaxeira tem tudo a ver com o seu cuscuz, Claudete. Acho que nasceram um para o outro - Todo insinuante, GilMário caprichara o duplo sentido da frase, jogando cuscuz verde para talvez colher uma madura. Assim, cheio de planos, tomado por sonhos entrecortados por suspiros arfantes, GilMário aguardava o momento certo, lustrando a macaxeira para servi-la em grande estilo.

Por aqueles dias, mal lembrada da macaxeira prometida por GilMário, sem saber que estava construindo uma sólida reputação de fêmea fatalle e poderia vir a ser pivô de crimes passionais, Claudete convidara os colegas JoãoMário e DorivalSnow para conhecer o seu sítio, lá pelas bandas de Moreno.

- Vocês vão gostar. Lá tem até um pé de None - o convite era irrecusável.

- Pé de quê? - quis saber DorivalSnow, que, nos últimos anos, prostrado por alguma fraqueza ou remorso, renunciara ao putanèe e, em contraste com a vida movimentada de antes, abraçara a música como passatempo e razão de viver.

- De None, seu bobo, um afrodisíaco natural - Claudete jogou charme na explicação, acrescentando uma ponta de malícia - Não precisa dizer nada. Eu sei que você não precisa disto...

Um psicólogo prontamente identificaria algum tipo de corte na voz manhosa que Claudete usou na ocasião e, ligando os pontos, talvez associasse a declaração por ela feita tempos mais tarde à JoãoMário a uma forma de fazer ciúmes a DorivalSnow. Na realidade, guiada pela imagem das coisas e sem conhecer os problemas recentes do colega, Claudete tinha DorivalSnow como uma espécie de touro sexual e (porque não admitir), assim como a maioria das mulheres, queria conhecê-lo mais intimamente. Acontece que, curvado pela vida, DorivalSnow já não era o ganhão de outros tempos e, consagrado apenas às lembranças da última namorada, já não conseguia levantar o bruto com facilidade e dependia de umas tais 'azulzinhas' para cumprir as tarefas de macho. Aliás, em seu psiquê, tomado por um progressivo complexo, DorivalSnow se via no pior dos infernos, pois, diante das mudanças que percebia em si, se achava vivendo o ocaso da vida, murchando a cada dia e, sinceramente, mesmo que tivesse percebido as indiretas da colega de trabalho, não se considerava pronto para a empreitada. Talvez - DorivalSnow pensou consigo mesmo -, fosse hora de reagir àquela situação e tentar alguma coisa para recobrar a energia de outrora.

Na realidade, aquele convite só podia ser coisa de Deus, pois, sem querer, Claudete podia ter apontado a solução da sua angústia [dele, de DorivalSnow]. De fato, ainda traumatizado com os métodos ineficientes e invasivos tentados na clínica VAG e da tenda do Pai Bozo, DorivalSnow concluiu que não custava nada experimentar a tal 'None'. E, com a intenção de colher o santo remédio, DorivalSnow acompanhou JoãoMário na visita ao sítio de Claudete, em Moreno. Foram momentos divertidos. Ciceroneados por Claudete, a dupla conheceu todos os recantos do sítio. O lago, as estrebarias, o orquidário, o pomar, a horta, o herbário, o bosque, a casa-grande, as estufas.

- Quando casar, virei morar aqui - Claudete disse aos colegas.

- Já tem pretendente? - perguntaram ao mesmo tempo

- A gente resolve isto depois - ela respondeu com um suspiro.

Duas horas mais tarde, encantados com as coisas que viram, JoãoMário e DorivalSnow estavam de volta à repartição. DorivalSnow não voltou com as mãos abanando. Com o estímulo de Claudete, trouxe uma sacola de nones, o fruto energético milagroso. Se Deus quisesse, com aquela provisão, DorivalSnow conseguiria repor o antigo vigor e voltaria a ser o que sempre fora.

Os dias passaram e a alegria da sala aumentou, entusiasmando principalmente JoãoMário, que não parava de falar sobre as maravilhas do sítio - já tratado carinhosamente como o 'dote de Claudete' -, e GilMário, que, apostando todas as fichas na macaxeira, passava os dias planejando a estocada por ele julgada decisiva. De sua parte, ensimesmado em pensamentos, DorivalSnow buscava o vigor perdido, agindo em segredo (e sem resultados, diga-se de passagem), mergulhado de cabeça no chá de None, ingerindo rações diárias do energético dito milagroso, seja como calda em saladas de frutas ou em substituição ao leite em vitaminas de banana. Enquanto isso, fingindo não ver a movimentação, Claudete jogava com o imaginário dos colegas e, sem abrir mão da castidade funcional, se firmava como a rainha do pedaço, brincando insinuações que sabia atijar os sonhos dos colegas.

E o dia da macaxeira chegou.

Como prometido, torcendo pela chance de arrebatrar o entusiasmo de Claudete, o estatístico GilMário cumpriu a palavra e, para alegria geral, na semana seguinte, empanturrou a repartição de macaxeira - uma macaxeira não tão comprida, volumosa, macia e cheirosa como alardeara, mas, mesmo assim, uma macaxeira.

Como das outras vezes, o convescote matinal quebrou o clima de trabalho e, novamente incensada com os cheiros da vida e da carne, a sala pulsou vontades. Embora animada, a festa da macaxeira promovida por GilMário foi insuficiente para alvejar Claudete com alguma das flechas disparadas a esmo por Cupido, desiludindo-o [desiludindo a ele, GilMário] e colocando novo degrau na escalada de sonhos que salpicava a sala, projetando outros desejos e quererres para o porvir.

Na realidade, completamente aturdido com a atitude arisca de Claudete - que, em momento algum, se mostrara impressionada com a sua macaxeira -, GilMário já pensava em abandonar os sonhos e voltar à monotonia de sempre quando um fio de esperança surgiu no ar.

- Que macaxeira que nada - com todas as palavras, Claudete desdenhou a oferta e, em gesto que descartava claramente o pretendente, mentiu sobre a natureza das próprias vontades - Eu quero ficar rica. Vou procurar um milionário para casar.

De sua parte, no entanto, ao invés de sentir-se rechaçado e preterido por Claudete, GilMário interpretou as suas palavras como um sinal e, agora, imaginando saber o quê, de fato, ela queria, renovou a vontade de viver. Assim, com nova motivação, convencido da ineficácia da macaxeira, resolveu usar seu conhecimento científico para descobrir um sistema capaz de aumentar as chances de ganhar na loteria. Ganhar na Loteria. Esta foi a forma pensada por GilMário para atingir o ideal desejado pela mulher que passara a querer com sofreguidão. Dalí em diante, sempre estudando resultados lotéricos à luz das análises combinatórias,

médias, máximos e mínimos, exponenciais, fatoriais e outras ferramentas da Estatística, GilMário passou a jogar sistematicamente na MegaSena, comemorando resultados que, se não o faziam rico (como tinha certeza de que, um dia, ficaria), pelo menos, apontava o acerto dos algoritmos criados por impulso do coração sofrido.

O tempo passava sem mudança expressiva.

Desdenhando o esforço de GilMário para enriquecer (e, assim, agradá-la) e, de alguma forma, estranhando a apatia de DorivalSnow e, progressivamente, mais atenta ao jeito pacato de JoãoMário, Claudete continuava lépida e faceira, perturbando a tranquilidade dos homens do serviço.

Tudo continuou na mesma, até que veio a tempestade.

Cansada da rotina entediante, especialmente [cansada] da inércia de DorivalSnow, que parecia blindado às suas insinuações, Claudete resolveu mudar a estratégia e partiu para uma tática mais agressiva. Foi quando proferiu a frase-chave:

- Vem cá, meu negão roludo.

Claudete disse na direção de JoãoMário, alto o suficiente para ser ouvida por todos, especialmente por DorivalSnow, o qual, a julgar pelo 'bom comportamento', parecia ainda convalescer do trauma que mudara a sua [dele, de DorivalSnow] natureza..

Aquela frase mexeu com muita coisa.

Se, de um lado, desafiou os brios de DorivalSnow, levando-o a dobrar a porção diária de None (que passou a ser ingerida sob diversas receitas, inclusive em infusão de Catuaba e Gergelim), de outro [lado], por mais caricatural que pudesse parecer, aquela frase catapultou a auto-estima de JoãoMário (que, aos poucos, com o peito cada vez mais estufado, passou a incorporar a fama progressivamente perdida pelo garanhão em débâcle). De sua parte, cego e surdo pelo ciúme, sem ouvir sequer o desmentido de JoãoMário, repentinamente tomado por uma tontura incomum, GilMário sentiu uma torrente de pequenos males - azia, dores no braço, cansaço, náusea, ânsia de vômito e outras pequenas quizilas. Evitando olhar para Claudete e para JoãoMário, que (pelo menos, a seus olhos) pareciam se divertir bastante com a situação, suando a cântaros e trêmulo de calafrios, GilMário levantou-se (ou, melhor dizendo, tentou levantar-se).

- Não estou me sentindo bem. Acho que vou para casa... - GilMário não conseguiu terminar a frase.

Derrubando tudo o quê estava em cima do birô, GilMário desabou e, quase desacordado, foi levado às pressas para o hospital. O diagnóstico foi imediato: tomado por forte estresse, o estatístico tivera um princípio de enfarto, coisa pequena corrigível pelas safenas e mamárias usuais. "Coisas da vida agitada destes tempos modernos", foi a explicação encontrada pelos leigos, que, alheios àquilo que se passava na repartição, não tinham como atribuir a falha do coração de GilMário às emoções do dia-dia.

Com a licença médica de GilMário e a convalescência de DorivalSnow, JoãoMário herdou a primazia de um território que, sinceramente, jamais buscara e, como macho-alfa da repartição, sentiu crescer a auto-estima e, todos perceberam,

passou por alguma mudança. Sem sentir o efeito depressivo exercido no colega sobrevivente, por exemplo, deixou de rechaçar as brincadeiras de Claudete, chegando, mesmo, a insinuar que as coisas ditas por ela poderiam ser verdade.

- Vou dar o nosso sítio como entrada - fingindo falar sério para esconder a brincadeira embutida nas coisas que dizia, JoãoMário caprichou no 'nosso' para parecer que usaria o sítio de Claudete como parte do pagamento na compra de uma mansão no bairro de Casa Forte.

E, como não poderia deixar de ser, a fama de JoãoMário terminou por transbordar os limites da sala, atraindo, inicialmente, a atenção e, depois, a cobiça de muitas mulheres. E, talvez sem querer, JoãoMário passou a ser o must do momento. Dos olhares gulosos às abordagens diretas foi um passo. 'O que é isso, JoãoMário', 'Me ajude aqui, Joquinha', 'Você quer um pouquinho, Marinho'. Cada uma inventava um pretexto para visitar JoãoMário em seu território (um território que, diga-se de passagem, no entender matriarcal de Claudete, pertencia a ela). A nova situação, claro, incomodou Claudete, que, embora ainda tivesse os olhos postos em DorivalSnow, se sentia dona dos homens da sua sala, incluindo JoãoMário. Afinal de contas, além de ter aquele território como seu [dela, de Claudete], fora ela [Claudete] quem criara a fama que, agora, fazia o charme de JoãoMário. De qualquer forma, pouco ligando para a crescente irritação causada em Claudete, tendo JoãoMário como atrativo, a sala passou a ser ponto obrigatório de visita de todas as moças que queriam conhecer e se oferecer (para o 'negão gostoso e roludo').

Fustigada em seus brios pelo assédio do mulherio a um de seus homens e, ironicamente, hipnotizada pela ilusão que ela mesma construía, Claudete começou a ver qualidades que não vira antes em JoãoMário e, mesmo sem abandonar a velha queda por DorivalSnow, de repente, se viu dividida. Arrebatada pelo ciúme, decidiu lutar por aquilo que, legitimamente, julgava lhe pertencer, fazendo precipitar uma tempestade dentro da tempestade. Com efeito, se nada acontecesse, aquela situação poderia redundar em tragédia, pois, além de começar a hostilizar as moças que visitavam JoãoMário, chamando-as à boca miúda de vagabundas e sirigaitas, Claudete resolveu fazer um curso de tiro com o objetivo, segundo ela própria, de tirar licença para andar armada. Quem a conhecia, mesmo que superficialmente, sabia que daí em diante seria uma questão de tempo até sobrevir uma fatalidade.

Mas, Deus é grande.

Ao tempo que aquilo tudo acontecia no seu entorno, desafiado pelas provocações da Claudete e com uma ponta de inveja das manhas recebidas por JoãoMário, DorivalSnow empenhou-se, mais ainda, para recuperar as forças perdidas. A luta foi grande. De promessas a Santo Expedito até experiências com diversas receitas com a None valeu tudo e, como sempre, a fé, a luta e a perseverança surtiram efeito. De fato, um belo dia, destes que parecem repetir a rotina dos demais, a simples recordação de como era bom o sacolejo irresponsável fez o bruto acordar disposto, com vontade de lutar.

DorivalSnow estava curado.

Foi uma festa. Sem conter a alegria, DorivalSnow correu para a repartição e, sem ligar para as moças que cercavam JoãoMário, gritou assim que viu Claudete:

- Estou curado! Voltei a ser o que sempre fui.

Por mais que alguns digam o contrário, este conto se insere no vasto campo da escrita criativa e eventuais semelhanças com pessoas vivas ou mortas não terá passado de mera coincidência.